

DA LINGUAGEM, POESIA E PENSAMENTO

[ON LANGUAGE, POETRY AND THOUGHT]

*Fernando Mendes Pessoa **

RESUMO: O propósito deste texto é pensar como a poesia promove o modo mais original da linguagem, trazendo à tona o abismo de seu fundamento. Ao contrário dos discursos públicos que mostram tudo que dizem de modo ordinário, a poesia busca sempre falar considerando a origem do que é dito, cuidando de dizer o que diz como se fosse a primeira vez – poesia é uma fala inaugural que mostra o sentido extraordinário dos entes e, assim, nos faz pensar. Ao falar de um modo original o que diz, a poesia restitui o sentido mais próprio das palavras, salvando a linguagem da miséria e desinteresse de seu uso público e habitual.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem; poesia; pensamento; falatório; silêncio

ABSTRACT: The aim of this text is to think how poetry promotes the most original way of language, bringing to the surface the abyss of its foundation. Unlike public speeches that show everything they say in an ordinary way, poetry always seeks to speak considering the origin of what is said, taking care of saying what it says as if it were the first time - poetry is an inaugural speech that shows the extraordinary sense of beings and thus makes us think. In speaking in an original way what it says, poetry restores the proper meaning of words, saving the language of misery and disinterest in its public and habitual use.

KEYWORDS: language; poetry; thought; talk; silence

“Melhor para chegar a nada é descobrir a verdade.”

Manuel de Barros

Compreender a linguagem é uma das tarefas mais difíceis de nosso pensamento. Isto ocorre porque temos de imediato e na maioria das vezes a tendência em ou adotar a evidência de uma certeza comum e habitual, ou buscar um entendimento objetivo para o que compreendemos; de um jeito ou de outro, temos sempre a tendência de obter um saber que nos dispense de pensar por nós mesmos o que devemos compreender:

O entendimento objetivo busca metodologicamente apreender a verdade

* Pós-doutorado em Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008 e 2015). Doutor em Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor associado da Universidade Federal do Espírito Santo.

com a certeza da razão científica. Tal certeza, desde o pensamento cartesiano, passou a ser o índice que certifica a veracidade de nosso saber. Desde então o homem moderno só considera verdadeiro o saber científico, só acredita na verdade que pode ser entendida logicamente pela certeza, pela certificação de sua consciência racional, e conceituada universalmente pelas categorias do juízo. Como a verdade está nas categorias da razão, o conhecimento moderno exclui como falso o que não for racional, limitando-se a conhecer apenas o que pode ser entendido cientificamente. Todavia, quando queremos compreender a linguagem com um tal conhecimento, ela se oculta em seu próprio vigor aparecendo apenas em conceitos e informações fonéticas, gramaticais, filológicas, ou mesmo psicológicas ou filosóficas. Estes conceitos e informações estão arrolados nos diversos livros e tratados das ciências e filosofias da linguagem sem que, todavia, nenhum deles compreenda a própria linguagem em sua experiência viva e original; pois as informações científicas e filosóficas sobre a linguagem são algo completamente distinto da experiência que podemos fazer de sua dinâmica, de sua *essencialização*. Determinada nas terminologias conceituais do entendimento científico ou filosófico, a linguagem só aparece em seu estado terminal.

A outra armadilha que igualmente desvia e impede de logarmos uma compreensão autêntica, própria e original, da linguagem consiste em, imperceptivelmente, adotarmos a interpretação comum da opinião pública e entendermos a linguagem como sendo uma expressão sonora que representa o real para a comunicação humana. Sem nenhuma dúvida, todos sabemos que a linguagem é a faculdade humana de expressão e comunicação. Falar é exprimir, uma ação dos órgãos de fonação que externa, expõe sonoramente as nossas compreensões, sensações, sentimentos, emoções, (...) internas; por sua vez, ouvir é o captar correspondente, uma recepção auditiva dos sons externados pela fala. Para a evidência desta interpretação corrente, não há dúvida de que a linguagem, como expressão humana, é um instrumento de comunicação entre o emissor que fala e o receptor que ouve, fundamento do convívio comunitário e social dos homens. De acordo com esta interpretação comum e pública, a linguagem é uma faculdade humana de expressão e comunicação, que representa o real dando-lhe sentido e significado. As coisas que estão no mundo são compreendidas à medida que as palavras lhes dão significados. O significado é a representação das coisas, uma codificação simbólica do real que, possibilitando a compreensão do mundo, permite a expressão e comunicação humana. Diante de tantas evidências, não há mais nada para pensar.

Conclusão: a fim de compreendermos a linguagem em sua essencialização original não podemos nem buscar um conhecimento científico, nem adotar as evidências do senso comum, por em ambas perspectivas a linguagem se ocultar em sua dinâmica essencial, tornando-se ou conceitos do entendimento ou algo banal que igualmente nos dispensa de pensar. Seja por excesso ou por falta, em ambas abordagens a linguagem aparece como o que ela não é, não se mostrando

assim em sua vigência própria e original.

Precavidos dessas armadilhas, como então mostrar a linguagem em sua essencialização própria e original? Para isso, enquanto seres falantes que somos, temos que aceder à linguagem por meio de sua experiência efetiva em cada um de nós. Se a linguagem nos é constitutiva, todos a temos – logo, para a compreendermos basta então ficarmos atentos à sua dinâmica em nosso próprio ser. Mas é esta exatamente a dificuldade de nosso acesso à linguagem: ela nos é tão íntima que não nos damos conta dela em nós; como também não podemos sair para vê-la de fora, ganhar uma distância que nos permita observar as suas características. Mas se não podemos sair, como entrar no que já somos? Como aceder em nós à experiência da linguagem? Para que ocorra esta compreensão elementar, torna-se necessário que a própria linguagem venha à fala, que ela nos tome a palavra mostrando-se a si mesma. Mas como isto ocorre? Quando trazemos a linguagem à fala? De um modo geral, seja no senso comum, científico ou filosófico, sempre compreendemos que quem fala é o homem: falar é próprio do homem: *Zoon lógon echon* – já definiu Aristóteles. Mas se é o homem quem fala, como e quando deixamos a linguagem assumir a nossa palavra e falar?

O homem fala: conta estórias, fábulas e histórias, contabiliza os números e as categorias, conversa sobre as modas, confabula idéias e canta músicas. Mas em todos estes discursos, o homem sempre conta, contabiliza, conversa, confabula ou canta – coisas: é sempre um ente o assunto destes discursos: um fato, um acontecimento, uma novidade, uma questão ou um sentimento. De um modo geral, sempre falamos dos entes; de imediato e na maioria das vezes a eles dirigimos todos os nossos discursos – esta é uma tendência natural, constitutiva da linguagem. Ao voltarmos o nosso discurso aos entes, quando falamos não é a linguagem que vem à fala, mas os entes – além disso, esta fala é sempre a de um sujeito falante: eu falo, tu falas, eles falam. Donde se conclui que, de imediato e na maioria das vezes, em nossos discursos nem é a linguagem quem fala – o homem é o agente que fala – e nem é ela que vem à fala – o assunto da fala dos homens é sempre um ente. Mesmo quando é a linguagem o tema falado, em geral nestes discursos ela sempre aparece como ente, uma coisa passível de ser apreendida e caracterizada pelo juízo.

Quando o assunto da fala são os entes, o discurso os expõe de modo que outros possam compartilhar um mesmo sentido do que foi dito: o discurso comunica o que, como, quando, aonde, ... – é, foi ou será o ente. Nesta comunicação, o real é fixado e passado adiante no sentido do que foi dito. Este sentido tende aos poucos a ser repassado como algo ordinário, pronto e já determinado e, tal como no comércio do mercado as moedas se gastam de mão em mão perdendo as sua efigies originais, no falatório de nossos discursos o sentido também se gasta de boca em boca perdendo a sua compreensão originária. Os entes passam a aparecer não mais no que propriamente são, mas no que se falam deles: *as coisas são assim como são porque delas se fala assim*. Os

discursos públicos deste falatório transfiguram a originalidade dos entes, mostrando apenas a realidade do que deles é dito. A origem dos entes é substituída pelo que o discurso diz ser a sua realidade efetiva. Nesta transfiguração que substitui, o real é comunicado somente em sua realidade ordinária, sem aparecer em sua possibilidade originária, extraordinária. Deste modo, o infinito de seu horizonte se fecha na realidade de sua presença. Encerrado na ordem desta realidade, o ente pode agora ser amplamente falado – somente deste modo pode o homem contar, contabilizar, conversar, confabular, cantar,... o que, como, quando, aonde,... são, foram ou serão – os entes. Na aparência ordinária deste ser, os entes sucumbem suas origens aparecendo apenas como coisas prontas, já dada e acabadas; o mundo perde o viço e a terra, a sua graça. Esta é a maior desgraça do homem: a ruína de sua linguagem pelos discursos que, por só falar de realidades ordinárias e já determinadas pelo hábito comum, esquecem de criar propriamente o que dizem, de falar originariamente o que é dito, para apenas também, de um modo mesquinho e indiferente, usar o usual do que se diz. Deste modo, neste âmbito dos discursos, a linguagem se limita em ser informação, decaindo no domínio público e comum da publicidade: instaura-se um falatório onde todos falam de tudo sem ninguém dizer nada.

Distinto destes discursos do falatório, a poesia busca sempre falar considerando a origem do que é dito. Ao contrário de apenas reproduzir o que todos dizem, o discurso poético cuida de dizer o que diz como se fosse a primeira vez: uma fala inaugural que mostra o sentido extraordinário dos entes, aquele que, apesar de óbvio e ululante, nunca antes havia sido mostrado. Em suas cartas ao jovem Capus, podemos ler como o poeta Rainer Maria Rilke insiste nesta possibilidade, nesta necessidade, do discurso poético: “Se a própria existência cotidiana lhe parecer pobre, não a acuse. Acuse a si mesmo, diga consigo que não é bastante poeta para extrair as suas riquezas. Para o criador, com efeito, não há pobreza nem lugar mesquinho e indiferente”¹.

Ao contrário da mesquinha e indiferença dos discursos ordinários do falatório, Rilke indica que o poeta é aquele que, cuidando do que diz, extrai as riquezas do cotidiano restituindo às palavras o seu sentido extraordinário, fazendo-as falar originariamente o que elas dizem. Concordando com este mesmo propósito da poesia, também o poeta Manuel de Barros diz: “Quanto às funções da poesia... Creio que a principal é a de promover o arejamento das palavras, inventando para elas novos relacionamentos, para que os idiomas não morram a morte por fórmulas, por lugares comuns”². Ao criar novos relacionamentos com as palavras, de acordo com o poeta, a poesia promove um arejamento da linguagem que, limpando as impurezas dos lugares comuns, restitui o sentido original do que é dito e, com este sopro de vida, salva os idiomas da morte causada pelas fórmulas mesquinhinhas e indiferentes dos discursos do falatório.

“Isto significa que, como escritor, devo me prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida” –

confirma também o escritor João Guimarães Rosa este mesmo sentido do discurso: “isto implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la ao seu sentido original.” – e confessa: “Uma palavra, uma única palavra ou frase podem me manter ocupado durante horas ou dias”³. Do mesmo modo, talvez ainda mais obsessivo, podemos igualmente encontrar tal ocupação com a linguagem no poeta João Cabral de Melo Neto, que também afirma ficar matutando os seus poemas: “Por exemplo, o meu poema *Tecendo a manhã*, que parece muito espontâneo, levou dez anos a escrever”⁴.

Apesar das possíveis divergências poéticas, todos estes escritores, todos os poetas convergem para a mesma compreensão de que a poesia, ao falar de um modo original o que diz, restitui o sentido mais próprio das palavras, salvando assim a linguagem da miséria e desinteresse de seu uso público e habitual. Ao restituir propriedade às palavras, a poesia promove o contra-movimento do falatório, por trazer de volta a experiência originária da linguagem, decaída no esquecimento dos discursos que só informam realidades públicas e ordinárias. Tal restituição não ocorre por meio de uma tematização explícita do horizonte da linguagem ou da presença do discurso. Antes, ela é concedida graças ao congraçamento poético que, nos tomando a palavra, promove a experiência do indizível, o espanto com o extraordinário do que é dito – é esse espanto que aguça o sentido dos entes e desperta o pensamento dos homens, ambos anestesiados na torpeza viciada dos discursos públicos e ordinários.

Na poesia, a linguagem é falante. Ao contrário dos discursos que versam somente sobre a realidade dos entes, ao dizer originariamente o que diz, como se fosse a primeira vez que o que é dito aparece, a poesia não versa somente sobre a realidade dos entes, mas, antes e principalmente, desvela o abismo no qual essa realidade se sustenta: a poesia mostra a estranheza própria da linguagem, o nada original no qual se funda a sua possibilidade discursiva. Em tudo o que ela diz, a poesia sempre mostra como a linguagem é abissal, medonha, fascinante, maravilhosa – como ela é indizível... Na poesia, a linguagem é falante por instaurar o indizível e, assim, promover a experiência de seu próprio mistério. Paradoxalmente a linguagem fala apenas quando, em silêncio, se espanta com o nada que a faz dizer o que as coisas são. A poesia cuida da linguagem porque o seu discurso, ao contrário de apenas repetir o que todos falam, busca dizer o que diz desde o indizível do que é dito. O poeta é o guardião da linguagem, a sua guarda consiste em cuidar do que os entes são restituindo origem à realidade do que é dito. Tal restituição não ocorre através de um entendimento do que porventura pode ou deve estar tematizado nos versos dos poemas. Não! Tal restituição que reanima a linguagem consiste em uma transformação de si mesmo que ocorre em silêncio, com a experiência do espanto que faz aparecer o mistério do nada: na poesia transparece o nada como origem da linguagem: “O projeto *poietizante* provém do Nada, do ponto de vista de que ele nunca toma a sua

doação do corriqueiro e do existente até então”⁵.

Heidegger compreende que linguagem é a casa do ser, e os pensadores e poetas são os seus guardiões. Ao dizer que a linguagem é a casa do ser, este pensador está indicando que o que mostra as coisas no que elas são é a linguagem, pois fora da linguagem... – falta nome para nomear o que está fora da linguagem: o “inominado”. Se o ser de tudo que é habita na linguagem, o “fora” da linguagem nem é nem não é, faltam palavras para mostrá-lo. Fora da linguagem, nada – não, nem o nada, pois se assim fosse o nada não poderia ser contado na poesia, como diz fazer Manuel de Barros: “Sempre que desejo contar alguma coisa, não faço nada; mas quando não desejo contar nada, faço poesia”⁶.

O nada transparece no silêncio do discurso poético. Neste silêncio, a linguagem se faz ouvir como descoberta do indizível de tudo que é, do extraordinário que são todos os entes. Desde essa descoberta, o discurso pode vir a compreender a possibilidade e a necessidade de criação autêntica do que é falado, ele pode aprender a ter mais cuidado com a palavra. Antes de ser algo que possamos aprender tal como a ciência apreende os seus objetos, a poesia só pode ser compreendida a partir de sua experiência concreta com a linguagem, deixando que ela cresça junto conosco e, nos tomando a palavra, nos ensine a aprender o que as coisas são. Do mesmo modo, antes de ser um saber que possamos ensinar tal como a ciência ensina os seus objetos, a poesia é um discurso que fala em silêncio, na repercussão do que se esclareceu na própria experiência originária da linguagem.

NOTAS

- 1 RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Trad. Paulo Rónai. São Paulo: Globo, 1989. Carta do dia 17 de fevereiro de 1903, p. 23.
- 2 Entrevista a José Otávio Guizzo: *Sobreviver pela palavra*. Publicada na Revista *Grifo*, Campo Grande, MS. Em: BARROS, Manuel. *Gramática expositiva do chão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, p. 310.
- 3 Entrevista a Günter Lorenz: *Diálogo com Guimarães Rosa*. Em: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Volume I, P. 44.
- 4 Entrevista a Maria Leonor Nunes, *JL – Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, nº 448, 05/10 fev. 1991. Em: ATHAYDE, Félix de. *Idéias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: FBN; Mogi das Cruzes, SP: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.
- 5 HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p. 193.
- 6 BARROS, Manuel. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 69.